

A Educação Ambiental em exame: modos midiáticos na constituição de um sujeito ambiental¹

Resumo

O trabalho aqui apresentado compõe uma pesquisa de doutorado que tem como propósito investigar a constituição discursiva da Educação Ambiental na revista *Veja* no período compreendido entre 2001 e 2012. O recorte aqui selecionado problematiza alguns extratos do material empírico, trazendo para discussão enunciações marcadas pelo direcionamento de como os sujeitos devem agir diante da crise ambiental que se instala na atualidade. A discussão proposta se dá na interlocução potente entre o campo de saber da Educação Ambiental e os estudos da mídia, entendida como importante artefato cultural que vem produzindo formas de existir e viver no mundo contemporâneo. Nas reportagens em evidência há um forte chamamento para os riscos e perigos quanto à continuidade de vida na Terra atrelada ao convite para que os sujeitos participem da grande campanha mundial em prol do meio ambiente. Pensar possibilidades de enfrentar a crise ambiental, produzindo outros modos de relação do homem com o social, com o cultural, com o ambiental e com o político tem sido um dos desafios que essa pesquisa tem buscado travar.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Mídia Impressa; Cultura.

Bárbara Hees Garré
barbaragarre@gmail.com

Paula Corrêa Henning
Universidade Federal do Rio Grande
paula.c.henning@gmail.com

¹ Esta pesquisa conta com financiamento do Programa Observatório da Educação CAPES/INEP.

Introdução

A Educação Ambiental tornou-se questão central e de ampla penetração nos espaços educacionais, políticos, econômicos e culturais do mundo de uma forma geral. Já não se trata de uma problemática interna de bairros, cidades, estados ou de um único país. A crise ambiental que acomete a cada um de nós, diz respeito a um cenário mundial.

Nesse texto, apresentamos alguns extratos de análise de um trabalho de Tese que tem como proposta analisar a constituição discursiva da Educação Ambiental na revista *Veja*, no período compreendido entre 2001 e 2012. Vale destacar que embora a mídia não nomeie especificamente os temas das reportagens com o título “Educação Ambiental”, mas sim utilize expressões como crise ambiental, desastres ambientais, entre outros, entendemos que tais expressões estão articuladas ao campo da “Educação Ambiental”. Fazemos isso por entender que tratam de uma forma de ensinar e educar os sujeitos quanto às maneiras corretas de agirem e se comportarem frente ao meio ambiente. Dessa forma, a Educação Ambiental vai se constituindo num campo de produções, que incitam maneiras específicas de ser, pensar e agir na atualidade. Tal estudo se dá na interlocução potente entre o campo de saber da Educação Ambiental e os estudos da mídia como artefato cultural que vem produzindo formas de existir e conviver no mundo contemporâneo. Pretendemos provocar o pensamento sobre esses ditos da revista *Veja*, entendendo-os atrelados as relações de saber-poder, no intuito de “preservar o meio ambiente”.

Como recorte desse estudo, apresentamos extratos de análise do material empírico que tratam de enunciações marcadas pelo direcionamento de como devemos agir diante da crise ambiental que se instala na atualidade. Dessa maneira, o trabalho aqui apresentado traz para discussão, inicialmente, o conceito de meio ambiente e Educação Ambiental que alguns dos importantes autores desse campo nos evidenciam. A partir disso, selecionamos alguns extratos da revista *Veja* e chamamos a atenção para as estratégias biopolíticas (FOUCAULT, 2005, 2008a, 2008b) que circulam fortemente nas enunciações acerca da Educação Ambiental hoje. Para finalizar, convidamos o leitor a pensar sobre o emaranhado do discurso de crise ambiental tão em voga em nossas vidas,

estejamos nós interessados ou não em constituirmo-nos sujeitos ambientais contemporâneos.

Algumas concepções de EA em evidência

Para iniciarmos nossa discussão, gostaríamos de apresentar alguns entendimentos de Educação Ambiental (EA) que vimos recorrentemente constituírem-se na mídia e na sociedade de uma forma geral. Assim, trazemos alguns importantes autores que nos provocam a pensar o conceito de natureza e meio ambiente.

O campo da EA vem crescendo nas últimas décadas em decorrência dos acontecimentos ocorridos em relação ao meio ambiente como o aquecimento global e conseqüentemente o derretimento das geleiras, as questões climáticas, a poluição do ar e do solo, entre outros. Atrelado a este crescimento vimos recorrentemente enunciações acerca de novas atitudes diante de nossas ações com o meio ambiente, preocupações com a vida no Planeta Terra, consumo *consciente* dos recursos naturais, etc.

Segundo Bezerra (2007), a EA é um fenômeno social que se localiza na interseção entre sociedade, educação e natureza e como outros assuntos relacionados às questões ambientais. Sua abordagem não se limita a um único país, este é um campo de saber que atravessa o mundo de forma ampla, pois as modificações climáticas, a degradação ambiental são preocupações contemporâneas que constituem a cada habitante do Planeta. A partir de 1942, começa a ocorrer uma série de eventos internacionais a fim de abordar os problemas ambientais e também a preservação dos aspectos naturais do Planeta.

No Brasil, a EA ganhou forte destaque a partir da década de 90, durante o Rio/92. Desde então, este campo de saber passou a fazer parte dos currículos escolares como tema transversal (PCN, 1998). A partir desta década aconteceram os primeiros encontros nacionais, simpósios regionais e locais. Atualmente, vale lembrar dos movimentos recentemente ocorridos no cenário mundial: a Reunião de Copenhague, preocupada com o aquecimento global (2009) e a Rio + 20, interessada na sustentabilidade do Planeta, ocorrida em junho de 2012.

De acordo com Tozoni-Reis (2006), há diferentes formas de conceituar a EA como, por exemplo, o conceito a partir de um cunho disciplinatório e moralista que visa a promoção de mudanças de comportamentos considerados ambientalmente inadequados. É possível encontrar também a EA como transmissora de conhecimentos técnico-científicos, com a finalidade de desenvolver relações mais adequadas com o ambiente. A pesquisadora aponta ainda este campo de saber como sendo um processo político que tem por objetivo a construção de uma sociedade sustentável. Desse modo, “não acreditamos que seja possível traduzir ou reduzir as múltiplas orientações numa única educação ambiental: uma espécie de esperanto ou pensamento único ambiental” (CARVALHO, 2004).

Reigota (2006) afirma que o problema ambiental está no excessivo consumo dos recursos naturais e no desperdício realizado por uma pequena parcela da população. O que deve ser priorizado são as relações econômicas e culturais entre a humanidade e a natureza. Deste modo, refletir sobre EA é tão importante quanto agir e comportar-se de forma “ecologicamente correta”. Uma questão relevante anunciada pelo pesquisador é o fato de muitas pessoas não se considerarem como um elemento da natureza, mas como um ser à parte que apenas observa e/ou explora. Carvalho (2008) concorda com a ideia quando diz que “assim se constrói a imagem de uma relação antagônica e excludente onde de um lado estaria a Natureza e do outro a Humanidade, a Cultura, as relações sociais”.

Podemos relacionar isso a uma visão naturalista da natureza. Segundo Carvalho (2008), os artefatos midiáticos evocam ideias de natureza, vida biológica, vida selvagem, flora e fauna.

Essas imagens de natureza não são como pretendem se apresentar, um retrato objetivo e neutro, um espelho do mundo natural, mas traduzem certa visão de natureza que termina influenciando bastante o conceito de meio ambiente disseminado no conjunto da sociedade. Essa visão “naturalizada” tende a ver a natureza como o mundo da ordem biológica, essencialmente boa, pacificada, equilibrada, estável em suas interações ecossistêmicas, o qual segue vivendo como autônomo e independente da interação com o mundo cultural humano. Quando essa interação é focada, a presença humana amiúde aparece como problemática e nefasta para a natureza. (CARVALHO, 2008, p.35) [grifo da autora]

Por ser um espaço de inter-relações entre sociedade e natureza, o campo ambiental, ao ser visto apenas sob um viés naturalista-conservacionista, sofre consequências, pois se ignora a permanente interação entre as pessoas e o meio ambiente. Carvalho (2008) defende uma visão socioambiental da natureza, onde esta e os humanos, bem como a sociedade e o ambiente estabelecem uma relação interativa e de co-pertença. Segundo a autora, tal perspectiva pensa o meio ambiente não como sinônimo de natureza intocada, mas como um campo de interações entre cultura e sociedade que se modificam de maneira mútua e dinâmica. Assim, a presença humana é percebida de forma pertencente ao conjunto de relações de vida social, natural e cultural, longe de ser considerada como intrusa ou destruidora.

Partindo do pressuposto que a EA não possui um único conceito, por ser um fato social e histórico, dependerá sempre do olhar que as pessoas lançam em sua direção e também de como entendem este tipo de educação e o meio ambiente. Reigota (2006), afirma que a EA deve estar presente em todos os espaços que educam, tais como escolas, parques, mídia, universidades. No entanto, para realizar um trabalho de EA, é necessário que se conheça as concepções de meio ambiente dos sujeitos envolvidos no processo. Para ele meio ambiente é

(...) um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relações dinâmicas e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e sociedade. (REIGOTA, 2006, p.21).

Sendo a escola um local privilegiado para realizar a educação ambiental, é de suma importância observar de que maneira ela será apresentada aos estudantes. Este campo de saber pode estar presente em todas as disciplinas ao analisar temas que permitem enfocar as relações entre a humanidade e o meio natural, como também as relações sociais (REIGOTA, 2006).

No entanto, é preocupante pensar que ela possa tornar-se uma disciplina isolada. Perderia o sentido, já que acreditamos que ela deve perpassar todas as áreas do conhecimento, sendo responsabilidade de todos. Tem-se a ideia de que para trabalhar com EA é preciso estar sempre em contato com a natureza em ambientes externos, como

jardins, praças, parques ou reservas ecológicas. Porém, deve-se ter o cuidado de enfatizar também as relações existentes entre homem e natureza abordando também os aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais para não correr o risco de dicotomizar as relações humanas e o ambiente.

Nessa perspectiva, para trabalhar a Educação Ambiental atrelada às questões sociais e humanas é necessário que se considere as relações com a cultura. Considerando que é através dela que são produzidos modos de ser, pensar e agir. Assim, provocar reflexões e questionamentos acerca das temáticas ambientais abrange o estabelecimento de relações sociais, políticas, econômicas e culturais que se travam na atualidade. Olhar, problematizar, compreender a EA perpassa pela forma como fomos nos constituindo enquanto sujeitos e que entendimentos temos de cultura, sociedade, meio ambiente e natureza.

Vemos que cada vez mais a Educação Ambiental não é um tema apenas de ONGs preocupadas com as questões ecológicas. Ela é vivida diariamente, nos diversos espaços que frequentamos, seja através da implementação de políticas públicas (como as já mencionadas neste texto), de campanhas publicitárias, de propagandas midiáticas, de filmes, de histórias em quadrinhos, de *outdoors* espalhados pelas cidades, de reportagens televisivas e impressas e de tantas outras formas. Por onde circulamos, ela se faz presente. Até mesmo na hora de escolhermos produtos no supermercado, geralmente o apelo é para que se compre um que seja menos agressivo ao meio ambiente.

Assim, a temática ambiental está fortemente presente em nossas vidas cotidianas e em constante relação com nossa constituição enquanto sujeitos desse tempo. Há que se problematizar quais os conhecimentos que produzem tal campo de saber ao mesmo tempo em que são produzidos por ele. Dessa forma, não há como pensar a EA dissociada de um contexto mais amplo. É necessário que se estabeleça uma rede de relações entre as questões ambientais, culturais, sociais, políticas e econômicas na atualidade.

Extratos midiáticos sob análise: constituindo sujeitos ambientais contemporâneos

Neste texto apresentamos como proposta analisar algumas enunciações que tratam da temática ambiental em algumas reportagens de capa da Revista Veja – revista semanal brasileira da Editora Abril e de maior circulação no Brasil. Escolhemos tal revista como *corpus* discursivo desta pesquisa por sua ampla circulação em nível nacional e por se constituir em um dos mais conhecidos veículos de comunicação em nosso país.

No trabalho aqui apresentado tomamos a mídia como um importante campo de produção de subjetividades, que interpela os sujeitos e vai constituindo suas formas de ser, de viver e de preservar o ambiente no mundo contemporâneo. A partir de alguns estudos vimos olhando para a mídia como um dispositivo pedagógico, conforme assinala Rosa Fischer (2002). Tal dispositivo opera modos de ser e estar dos sujeitos na cultura em que vivem e dessa forma, participa efetivamente na produção de sujeitos, subjetividades e sentidos. Essa operação se dá a partir de estratégias de interpelação que a mídia coloca em funcionamento através de seus ensinamentos que atingem aos indivíduos e participam de sua formação.

Assim, o dispositivo pedagógico da mídia reafirma constantemente verdades, aqui nos referimos as verdades do campo da Educação Ambiental. Tal repetição reforça esses ditos e posicionam os sujeitos a agirem de determinadas formas, economizando os recursos naturais, reciclando o lixo, consumindo de forma sustentável, por exemplo. Vejamos alguns exemplares de peças midiáticas da revista Veja:

A vida sem papel higiênico

[...] se submete há um ano à experiência de **viver sem causar nenhum dano a natureza**. Isso inclui **dispensar o papel higiênico, iluminar a casa com velas, evitar os eletrodomésticos e só andar a pé ou de bicicleta** (Veja, outubro de 2007, p. 93) [grifos nossos].

Carros Elétricos e Híbridos

Esses veículos emitem até 30% menos CO₂, mas custam até 25% mais que seus rivais compactos e poluidores. Subsidiá-los é lucro para qualquer metrópole.

Redução: um carro de passeio joga 2 toneladas de carbono por ano na atmosfera, valor igual à quantidade capturada por 170 árvores durante dez anos. (2009, p. 136)

Consumir menos

Uma lâmpada feita com os modernos LEDs (sigla em inglês para Light Emitting Diode) emite a mesma quantidade de luz de uma lâmpada incandescente tradicional usando apenas 25 % de energia. Além disso, sua vida útil é estimada em 50000 horas, contra apenas 1000 horas das concorrentes. Mas ela ainda custa até vinte vezes mais do que as lâmpadas comuns. Subsidiá-la pode ser uma saída.

Redução: se todas as lâmpadas de Nova York fossem substituídas por LEDs, a economia seria de 264 TW/h, que, gerados por usinas termelétricas, jogam na atmosfera 20000 toneladas métricas de gás carbônico por ano, o equivalente ao consumo anual de uma frota de 36000 veículos. (2009, p. 137)

As enunciações destacadas acima dão visibilidade a forma como a mídia interpela os sujeitos a agirem de maneira “consciente”, preservando a natureza e seus recursos. Tais enunciações são repetidas constantemente de diferentes formas, seja na revista aqui colocada em análise, seja em propagandas de televisão, em desenhos animados ou como notícia de programas televisivos. Dessa forma, as questões ambientais apresentadas pela mídia instauram o visível e o enunciável, seja pelas imagens assustadoras apresentadas, seja pelas afirmações apelativas que colocam em risco a vida do planeta. Assim, a mídia vai nos convidando a ver e a falar sobre a problemática ambiental, como podemos visualizar nas imagens abaixo, referentes as capas da revista Veja, nas quais somos interpelados por imagens emblemáticas e terroristas que colocam em dúvida a continuidade de vida na terra.



Entendemos que os discursos midiáticos colocados em circulação legitimam verdades que se reverberam como opinião pública – e esses jogos de verdade acabam por engendrar e produzir modos de vida. Vimos que a Educação Ambiental constitui-se como uma dessas produções discursivas legitimadas pela mídia e que operam no nível do

coletivo para atingir o indivíduo em suas ações diárias. A mídia vai ensinando as formas corretas de agir e se comportar frente a problemática ambiental, como podemos visualizar nos excertos abaixo:

SOS TERRA

Países e pessoas agem...

... mas alguns ainda duvidam (Veja, outubro de 2007).

A realidade do aquecimento global criou uma preocupação com o ambiente como nunca se viu: **todo mundo quer fazer a sua parte para salvar o planeta** (Veja, outubro de 2007, p. 87) [grifos nossos].

Pagar para não derrubar

Reflorestar

Energias alternativas

Carros elétrico e Híbridos (Veja, dezembro 2009, p. 136).

Visualizamos nos excertos acima o quanto a mídia ensina e constitui formas de ser e viver através de uma Pedagogia. Ela dita o que fazer e como fazer e assim vai direcionando e conduzindo a vida de cada um. Olhamos para essas e outras tantas enunciações midiáticas e colocamo-nos a pensar sobre a fabricação de verdades no campo da Educação Ambiental. Olhamos para este campo de saber como estratégia de controle da vida social, tão bem difundidas pelos meios de comunicação, aqui especialmente a revista Veja. Articulamos tal estratégia ao que Foucault conceituou de biopoder (2005; 2008a; 2008b), um poder sobre a vida, agindo com técnicas de prevenção e seguridade pelo bem-estar da massa de indivíduos. O biopoder tem como alvo a população, mas para isso precisa capturar individualmente cada sujeito, para que juntos ajam em prol do planeta. Todos e cada um fazem parte desse jogo.

Assim, os discursos proliferados na mídia acerca das problemáticas ambientais e da recorrente preocupação com o fim do planeta nos levam a pensar que tais ditos não se dirigem apenas para um sujeito, mas para o coletivo que deve, junto, se mobilizar para que ações individuais repercutam na transformação do meio ambiente e contribuam para a “Salvar a Terra” (Veja, reportagem de capa, outubro de 2007). Percebemos então uma forte articulação com o biopoder – um poder sobre a vida – uma tecnologia de poder que estaria relacionada e endereçada a população. Dessa forma, passamos a olhar alguns dos discursos que tratam da questão ambiental, tão divulgados na mídia, que colocam em

operação tanto a tecnologia do biopoder quanto a tecnologia disciplinar. No excerto abaixo apresentamos o quanto a disciplina e o biopoder se exercem conjuntamente em algumas enunciações.

Salvar a Terra – como essa ideia triunfou
Militância ecológica: dos “verdes” aos radicais do “planeta sem gente”
Consciência ambiental: filho único; camiseta de fibra reciclada; sacola de fibra natural; fralda de pano; alimentos orgânicos; cantil (para evitar garrafas pet); calça de algodão orgânico feita à mão; bicicleta o de CO₂; sandálias com lona de pneu reciclado (Veja, reportagem de capa, outubro de 2007).

Nas estratégias disciplinares torna-se necessário que cada um faça a sua parte pelo planeta, comprando e consumindo produtos “ecologicamente corretos”, andando de bicicleta para não poluir o ar, tendo apenas um filho. Com tais ações o planeta terra e, conseqüentemente, a população serão beneficiados. Percebemos com chamadas como esta um forte apelo para que o sujeito disciplinado atenda ao convite, realizando ações diariamente, pensando no bem-estar da maioria dos indivíduos. Assim, o biopoder e a disciplina capturam-nos para que em nosso cotidiano façamos o melhor para a continuidade da vida no Planeta.

Operamos com os conceitos de poder disciplinar e biopoder os entendendo como importantes tecnologias de governo, seja do governo de cada um, seja do governo das populações. Vemos no exercício das estratégias biopolíticas uma arte de governar, uma governamentalidade que tem como foco principal a manutenção da vida e para tanto se utiliza dos dispositivos de segurança para garantir o bem-estar da população, protegendo-a e prevenindo-a contra os males e os prováveis perigos que possam vir a acontecer. Assim, o biopoder tem nos mecanismos de previsão, estatística e probabilidade, importantes ferramentas de mapeamento e diagnóstico. Essas ferramentas possibilitam traçar calculadamente, as estratégias de prevenção, garantindo a seguridade dos indivíduos, prevendo o que poderá ocorrer no futuro e agindo para impedir que algo coloque em perigo a vida da população. Foucault argumenta que “(...) a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma

massa global, afetada por processos de conjunto como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc” (2005, p.289).

Vemos nas estratégias biopolíticas uma gerência da vida muito mais sutil, muito mais espalhada por todo o corpo social. Uma estratégia de defesa da sociedade. Olhamos para a Educação Ambiental e os discursos tão em voga na mídia e visualizamos tal estratégia de gerenciamento da vida em operação, convocando cada um e todos a fazerem a sua parte para que não ocorra “O Fim do Mundo” (Veja, reportagem de capa, dezembro de 2009).

Importante destacar ainda, que recorrentemente vemos emergir, atreladas as enunciações acima que convocam os sujeitos a agirem frente a problemática ambiental, um outro conjunto enunciativo: o homem é o responsável pela degradação ambiental! O homem posicionado como o culpado, o responsável que precisa fazer algo para salvar o que ainda resta do que foi destruído! Neste sentido gostaríamos de provocar uma discussão do quanto esses ditos têm reforçado uma visão reducionista acerca da relação homem x natureza, anunciando uma visão naturalista. Em tais enunciações o homem está dissociado do mundo natural, sua interferência é sempre negativa, como podemos visualizar nos excertos abaixo:

A começar por seus bens mais preciosos , a água e o ar, o balanço da atividade humana mostra uma tendência suicida. (Veja, abril de 2001, p. 93)

Com a mesma insolência de quem joga uma casca de banana ou uma lata de refrigerante pela janela do carro pensando que está livrando da sujeira, a humanidade despeja na natureza todos os anos 30 bilhões de toneladas de lixo. (Veja, abril de 2001, p. 94)

Nas reportagens das próximas páginas, Veja traça um panorama das armadilhas produzidas pelos homens para si mesmos, desde a exaustão dos recursos vitais como a água até os efeitos incontornáveis do aquecimento global, que podem ser amenizados na melhor das hipóteses, ou agravados em proporções dantescas, na pior. Duas reportagens registram também pequenas réstias de esperança que podem vir a ser a salvação do planeta. (Veja, outubro de 2005, p. 85)

A mão do homem na matança das focas, na desolação do morador devastado pelo Katrina e na poluição chinesa: capacidade demudar o planeta em escala geológica. (Veja, outubro de 2005, p. 87)

Olhamos para enunciações como estas e retomamos os estudos de Carvalho (2008) quando faz uma crítica para a forma como a natureza vem sendo representada, muitas vezes nos remetendo a ideia de um mundo natural e biológico. Segundo a autora, em muitos contextos o homem aparece como um ameaça destrutiva a natureza, que é boa, pura e pacífica. Propõe uma reflexão sobre os conceitos de natureza e meio ambiente contidos em tais ideários. Argumenta que estes se fundamentam numa visão que denomina como naturalista que “baseia-se principalmente na percepção da natureza como fenômeno estritamente biológico, autônomo, alimentando a ideia de que há um mundo natural constituído em oposição ao mundo humano” (2008, p. 35). Em contrapartida, apresenta uma outra abordagem – já apresentada neste texto –, a qual se propõe a estudar e que chama de “socioambiental”. Aqui “a natureza e os humanos, bem como a sociedade e o ambiente, estabelecem uma relação de mútua interação e co-pertença, formando um único mundo” (2008, p. 36).

Nessa perspectiva a Educação Ambiental estabelece relações entre o homem e a natureza, entendendo que ambos não estão dissociados, mas que se integram, se produzem e se modificam na cultura. Tal entendimento considera a importância da ética nas relações sociais e nas relações com a natureza. Assim, a EA estaria profundamente relacionada com as questões culturais, que produzem nossas vidas e com as quais convivemos e modificamos diariamente. Assim, não teria sentido tratar o homem de forma isolada em relação a natureza. Aqui natureza e homem se produzem e são produzidos.

Não queremos com tais análises dizer que a problemática ambiental não é algo real, entendemos que existe uma materialidade da crise e não podemos negar todos os acontecimentos ambientais que nos acometem nos últimos anos como as chuvas e tempestades que inundam as cidades e deixam milhares de pessoas desalojadas; os grandes terremotos que destroem cidades inteiras; as terríveis secas que atacam agricultores no país; a escassez de água que leva as pessoas a fazerem racionamento em alguns locais do Brasil e tantos outros. Nossa intenção nesse trabalho é colocar em análise a forma como essa crise vem sendo narrada, quais estratégias de poder são operadas e de que forma os sujeitos são posicionados a partir de uma produção

discursiva colocada em funcionamento na revista *Veja*, um veículo de comunicação potente, que circula em nossas casas e escolas. É necessário problematizarmos esses ditos e o modo pelo qual estão nos constituindo nesta atualidade!

Provocações Finais

Nosso texto caminha na direção de pensar para além de ações ecologicamente corretas. Não queremos, com isso, dizer que não devemos agir pensando no futuro. Talvez pensar nessas ações seja fundamental para a existência da vida na Terra. No entanto, queremos pensar para além disso – isso já tem farta exposição na mídia! Qual força e produtividade – e não negatividade como estamos acostumados a pensar – têm os discursos midiáticos que nos conduzem a ações e pensamentos diante do cenário contemporâneo? Indo além, talvez Foucault nos ajude a entender esse mecanismo de poder, tão evidente na mídia brasileira, como uma ferramenta que produz coisas, forma sujeitos, constitui o espaço-tempo atual.

Diante disso, gostaríamos que nosso texto pudesse provocar novas discussões no campo da Educação Ambiental, entendendo-a como um importante instrumento para o gerenciamento da sociedade atual. Talvez ele pudesse tornar-se uma possibilidade de resistência e criação, ao olhar a Educação Ambiental para além de um discurso naturalista, ecológico ou de preservação do Planeta. Talvez pudéssemos pensar na criação de uma ecosofia (GUATTARI, 1990), promovendo espaços de resistência, produzindo estratégias de poder que possibilitam a subversão e a produção de espaços éticos e políticos para o campo da Educação Ambiental.

Referências:

BEZERRA, Aldenice Alves. *Fragmentos da história da educação ambiental*. Revista eletrônica da Faced, v.1, n.3, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *Educação ambiental crítica: nomes e endereçamento da educação*. In: *Identidades da Educação Ambiental Brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente – MMA, 2004.

_____. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) Tv*. Educação e Pesquisa, janeiro-junho, ano/vol. 28, número 001. Universidade de São Paulo, São Paulo, pp. 151-162, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. 4ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Nascimento da Biopolítica: curso no Collège de France (1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. *Segurança, Território, População: curso no Collège de France (1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas, SP: Papirus, 1990.

REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. *(Re) pensando a educação ambiental*. In: V Congresso Iberoamericano de educação ambiental. Joinville: SC, 2006.